



entre laços

JOSÉ MANUEL MARTINS

d'Ontem



entre laços

JOSÉ MANUEL MARTINS

d'Ontem

Julho 2008

letras d'  uro



TÍTULO Entre Laços d'Ontem

AUTOR José Manuel Martins

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

JULHO DE 2008

Letras d'Ouro, editores

Rua Quinta da Flamândia, N.º3 – 3.ºDt.º

Casal do Marco

2840 – 030 Aldeia de Paio Pires

Telefone: 210 878 323

livros@letrasdouro.com

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Publidisa, Publicaciones Digitales, SA

1.ª EDIÇÃO

DEPÓSITO LEGAL

ISBN 978-989-95349-7-1

CAPA E PAGINAÇÃO

Pedro Martins

REVISÃO

Colaboração de Cátia Matias Norinha

«A VIDA SÓ PODE
SER COMPREENDIDA
OLHANDO-SE PARA TRÁS;
MAS SÓ PODE SER VIVIDA
OLHANDO-SE PARA
A FRENTE».

SOREN KIRKEGAARD



DE MODO PARTICULAR...

A distância que nos separa dos acontecimentos marcantes – muitos dos quais nos forjaram o carácter, deram-nos *pernas para andar*, estímulo para lutar, vontade de vencer – permite-nos, pelo menos, falar deles *historicamente* ou *fantasiosamente*.

Cada pessoa é um mundo complexo de sonhos e ilusões, onde ocorreram as mais variadas experiências que motivaram o riso, o choro, o amor, a frustração, quaisquer outras manifestações próprias da fome, da abundância, da solidão, do desespero, da ambição, do ódio, da raiva...

Cada pessoa viveu a sua experiência, cada pessoa tem a sua própria memória.

Alguns de nós temos necessidade, periodicamente, de *abrir o livro* de recordações e, com base apenas na memória, sem recurso a elaborados apontamentos ou aturada investigação histórica, revelar a parte mais significativa dos *laços* que ainda nos trazem *atados* ao passado.

Sim, estamos a falar daquilo que nos marcou e, às vezes, não interessa nada o critério cronológico, que pode até nem ser o mais relevante ou prioritário para decidir a ordem pela qual a memória se

deixa estimular no regresso ao passado. Podemos, por isso, dispensar a cronologia, ou, pelo menos, permitirmo-nos escrever o que nos *vier à cabeça* sem cuidar de saber se o que contamos agora ocorreu antes ou depois do que queremos contar amanhã ou já contámos ontem, anteontem...

A memória traz no seu ventre gemidos de dor, quando o passado não está resolvido a contento. Ao parir, pode envolver-nos num remorso doentio por não termos perdoado no tempo devido ou não termos aceitado o perdão quando no-lo ofereceram. Não é o nosso caso. Mesmo quando recordamos as dores que nos doeram, na alma e à flor da pele, não gritamos de sofrimento porque o que se passou – se estivermos a historiar – vale apenas como marco duma meta ultrapassada ou – se estivermos a fantasiar – como estímulo espiritual, moral, anímico para vencermos a dor, agora, se sofremos, e evitá-la, amanhã, porque só temos uma ambição desmedida, maior que todos os sonhos que sonhámos, melhor do que todos os que concretizámos, tão bela como aquela que queremos para todo o mundo: ser feliz!

A felicidade é o máximo, agora e depois! Todos a queremos dando pouco, o mínimo, se possível encolhendo a mão, o braço. É humano, compreensível, e já passámos nessa *vereda antiga*, fazendo o nosso próprio percurso de vida, querendo tudo de *mãos vazias*! Agora, aqui, nestas reflexões, que podem ser nacos de história ou laivos de fantasia,

damos as mãos para caminhar lado a lado, com o futuro à frente, que é o momento seguinte, aquele em que apenas temos tempo para amar, dando quanto nos pedirem, quanto for necessário, quanto formos capazes, de *mãos cheias*. É o mínimo, se queremos o máximo!

No passado ficarão os gemidos da mesquizez, da intolerância, do fanatismo, da justiça própria, do orgulho, da vaidade, do egoísmo, do convencimento, do ódio, da vingança... Ficarão lá bem distante, no abismo profundo e inatingível que lhe serve de sepultura, a indiferença com que vivemos a dor do outro, o orgulho que nos impediu de pedir ajuda quando nos doíam as cordas do coração, quando o mundo dentro de nós se desmoronava, quando éramos sozinhos à procura da felicidade...

Podemos, assim, ambiciosos, conclamar o passado e transformá-lo em ferramenta do futuro que hoje estamos a edificar, para, depois, o depositar nas mãos do... Eterno!

Sim, não importa a idade que as minhas, as nossas memórias têm. Somos parte do Eterno, pertencemos-lhe por inteiro. Vamo-nos, não tarda, recolher ao seu seio...

Esse é o nosso destino de eleição, diferente do daqueles que ainda pertencem a si próprios, dormem o sono de ontem, deitados sobre as mágoas que sangram e sob o peso do pesadelo dos relacionamentos sem perdão...

Eis ao que vimos com este *entre laços d'ontem*, porventura abrir um esconso caminho para nele deslizar, deslizar... abrindo paulatinamente mão dos inúmeros defeitos de ontem e cultivando as poucas virtudes de hoje, na mira do sonho de sempre – a perfeição!

... E QUASE ÍNTIMO

Amigo Leitor,

Há dias que nos dá para isto!

Não é que não tenhamos mais que fazer, nem que não queiramos ocupar o tempo doutra forma... A ociosidade gera pobreza de pão e de vontade de viver! Não sofre porém de tédio, agente venenoso que inquina os dias, quem lê um livro, visita uma livraria, procura nas letras dos outros, sejam eles quem forem, o sentido dos caminhos por onde vão os pés...

Deu-nos para escrever pequenos textos, soltos de compromissos literários – que andavam por aí há muito, muito tempo, alguns dispersos em papéis outros à mercê dos leitores que se deslocam de sítio em sítio no espaço virtual – só para partilhar.

E mesmo que eles se reportem a antanho, são vivificadores, remoçam, dão a medida do tempo que já lá vai, do ontem que nos fugiu a correr, sem darmos conta.

Se calhar precisamos disso! Fartamo-nos da leitura das páginas do Diário da República – tão complexas, herméticas, muitas quase inúteis e agora sem cheiro a tinta nova... – das Colectâneas de Jurisprudência – tantos casos, imensas decisões, tanta vida que estranhos viveram, mas que retratam fielmente a sociedade amoral que nos tange – das *requerimentas* sempre a pedir Justiça, que não vem, que ninguém quer fazer em tempo útil...

Bem precisamos que os nossos amigos nos animem neste transe entre tarefas... quem sabe não podemos passar bons momentos a lembrar o que vivemos, lendo e contando histórias, umas que são nossas, outras que são deles (suas, dos leitores), as quais se alimentam do pó dos tempos, que flutua e a que chamamos recordações!?

Semeamos cuidando ser bom o grão que lançamos ao vento, numa assumida rejeição da semente do joio; alguma escapará à peneira e germinará, tolhendo a vida que queremos viver livre, dia-a-dia, até ao advento do tempo de ceifar! Tempo em que ficarão nas mãos dos leitores apenas os frutos são desse processo de escolha, que cada um sujeitou ao critério do seu gosto, da sua sensibilidade, da sua adesão emocional e espiritual...

Pode certamente o amigo Leitor partilhar desta sementeira de palavras e recordações, recebendo, intuindo, imaginando, criticando,

misturando as suas com as nossas, quando coincidirem... Nesse processo interactivo, respeitosa e com respeito, é difícil que fiquemos indiferentes! Dê, por isso, fôlego à sua imaginação, complete a nossa e não correremos o risco de ficar cada um para seu lado – ambos sabemos que o que se escreveu fomos nós quem o escrevemos, assim nos identificando com o que lemos porque intervimos em tempo e fora de tempo e não ficámos de fora das histórias e do respectivo processo criativo...

Se pudéssemos ler, amigo Leitor, o que está a *escrever* quando nos lê!... As histórias seriam outras no seu epílogo, diferentes na sua trama e, no fim, assinaríamos os dois, autor e leitor, leitor e autor, sendo a ordem indiferente.

Se hoje nos deu para isto, ficarmos aqui à conversa com o Leitor, a procurarmos diluir a nossa manifesta e óbvia insuficiência de narrador, foi porque estávamos sem ar, quase moribundos, a precisar de abrir a janela por onde entrará o sopro vivificador dos que gostam de ler e nesse deleite completam a nossa obra, *entre laços d'ontem*, integrando-lhe todas as lacunas...

Amora, Março de 2008



NOVOS NATAIS

Era quase Natal em Lisboa.

Alguns sinais alusivos ao evento animavam o comércio invocando, amiúde, os protagonistas de Belém, com o Menino em destaque...

Portanto, estávamos em Dezembro, cumpria-se a convenção, a tradição ou, para os mais crédulos, a época do aniversário do nascimento de Jesus...

A penúria não nos permitia apreender o espírito natalício nem desfrutar dele na grande cidade pelo seu lado mais apelativo, o da aquisição de presentes, e a azáfama impedia a simples contemplação do mundo novo, cheio de luz, movimento, vida a correr... A grande cidade teria que esperar para se mostrar, no seu esplendor imperial, a portuenses tão jovens, que nunca a tinham visto senão no pequeno ecrã, quando o Tejo e os seus cais de embarque eram pretexto de reportagem. Sim, lá estavam os grandes navios, peçados de militares, muitos provindos do Norte. A RTP mostrava as imagens das partidas e chegadas com um fundo fluvial que se confundia, no horizonte, com a imensidão do mar, rota directa à guerra ou à defesa da Pátria...

Estava marcado o encontro no Cais da Rocha de Conde de Óbidos, em Alcântara, para onde a bagagem já fora destinada, mas era necessário antes passar pela medicina tropical, dar lá o corpo às vacinas, obter esse passaporte de entrada em terras portuguesas d'além-mar, em África, ainda prisioneiras de vírus peçonhentos e horrendos, agentes mortíferos do subdesenvolvimento delas.

O mundo começava a abrir horizontes e os olhos já viam para lá do grande mar, quase infinito, que era necessário atravessar. O receio da grande cidade, as incógnitas sobre o destino, o futuro, esbateram-se. O som das rodas de ferro sobre carris, apenas interrompido durante os períodos de paragem em estações e apeadeiros entre Campanhã, no Porto, e Santa Apolónia, em Lisboa, eram agora meras cócegas nos ouvidos, quando estavam na expectativa de ouvir o som estridente do apito que anunciava a partida do navio.

Não me lembro de ter tido frio, fome, sede; apenas vontade de partir, de sair, de navegar, navegar, e chegar ao outro lado do mar antes que o Natal acontecesse, ser menos órfão, ganhar um pai...

O contraste era flagrante.

Das terras do Norte, que bordejam o Douro, na margem direita, a Metrópole laboriosa, o vaivém das barcaças que transportavam o néctar duriense, o Natal frio, nevado, recolhido nas casas

pouco alumiadas, os sinais religiosos tradicionais à vista, os presépios... para a Luanda luminosa, exposta ao Sol alto dos trópicos, com o mar sereno, transformado em sala de visitas dentro dos limites naturais da sua baía, o tempo quente e húmido, nuvens negras em preparação para um derrame de refrigério pelo final da tarde, gente sem pressa...

O Natal tem data marcada e nas montras já aguardam os presentes com os quais se pretende obsequiar os outros, os nossos e os que o não são. Entre uma e outra loja, os corpos abrigam-se da canícula, desse calor intenso da época chuvosa, sob as mangueiras de folhas enormes e perenes, de frutos maduros pendentes, das mulembas frondosas, jacarandás floridas, ou sob o telheiro da esplanada, num intervalo para refrescar a garganta...

Ponto de encontro de hábitos diferentes, onde se acolheram vontades formadas em recônditas paragens europeias e indígenas, todos actuantes na criação do ambiente natalício que preserva, a custo, a esperança de renovação urgente na coesão do tecido social, fragmentado pela estratégia das potências externas que alimentam o clima de guerra.

Foi assim, a partir daí, durante uma década, sempre mais miscigenado o Natal (foi-se também esbatendo a lembrança do Natal da infância, da adolescência...). Lembramo-nos desse tempo, dos

rituais natalícios misturados, sempre por causa do convívio fraterno, amigo, com gente de tantas proveniências – lá do puto, claro, do Norte ao Sul, mas também dos que já tinham perdido praticamente as raízes europeias, por terem nascido luandenses ou noutras partes de Angola. Vivências de distinção por causa da terra, das gentes respectivas, onde chegámos pelo Natal de 1965...

Marcaram-nos, sem dúvida, esses momentos de identificação com a nova realidade social, afectiva, climática e outros hábitos promotores de relações mais inclusivas, sem distinção de raças, de cor da pele, de culturas, de religiões...

Para trás deste tempo presente, ficaram-nos as recordações da terra e das gentes que nos acolheram para muitos natais diferentes, numa ligação progressiva de amor, de laços fraternos que perduram!

É novo, sempre novo, o Natal em que se anulam diferenças, se ultrapassam barreiras e se abrem vivos caminhos de esperança...para novos natais!



CHÃO LIMPO

Quer lembrar-se do percurso, das casas, das ruas, das pessoas e do resto que foi contemporâneo da imagem gravada no mais recôndito da sua memória, já antiga, mas reiteradamente chamada ao presente – o chão da entrada da casa do empregado do caminho-de-ferro de Luanda para a qual fora convidado!

Não lhe ocorre quase nada... parece que aquela casa existiu, e à volta estavam outras gémeas, saídas do traço do mesmo arquitecto. A imagem, porém, obnubilou-se e não lhe é possível distinguir as cores com que se pintaram as fachadas, nem sequer como estava organizado o espaço interior, onde dormiam as crianças, onde todos tomavam as refeições...

Fixa-se no chão de cimento vermelho, a luzir, encerado, dum odor limpo que entra e se instala nos pulmões e se dispersa pelas veias, artérias, chega aos canais minúsculos que o fazem sair pelos poros da pele, em invisíveis partículas que de novo refrescam o ambiente.

É o que lhe ocorre...

Interroga-se se faz sentido voltar atrás, volver, forçar a memória por causa do chão limpo numa casa comum, ali construída, nas franjas doutras

onde não entrava pedra, cimento ou cal e nas quais o adobe se misturava com palha, protegendo do sol e da chuva, e não havia senão o chão duro calcado por pés calejados de tanto caminhar.

Não faz.

Só que essa imagem está associada a um evento marcante, daqueles que na adolescência lhe determinaram o carácter. O chão limpo lembra-lhe um dia de domingo, o primeiro em que se sentiu angolano (não sabe se foi o primeiro domingo em que abraçou Luanda, nem é o sentido cronológico dos factos que aqui tem importância...), em que interiorizou que todas as semanas, a partir dali, deveriam começar (ou, pelo menos, inclui-los) por momentos dominicais como esse...

O chão vermelho asseado numa casa a valer, a fragrância da moamba a suplantar o cheiro fresco da cera, a azáfama hospitaleira, a dedicação pronta, o acolhimento fraterno, o discurso optimista sobre o futuro imediato, o riso e irrequietude dos meninos, as portas e janelas abertas a deitar para o terreiro, que estabelecia a comunicação partilhada com as cubatas ali em frente, sem chão a brilhar, fazem lembrar-lhe que imediatamente ali sonhou como seria o seu futuro...

Sem controlo, os pensamentos quase em roda livre, coagido pelo peso da memória – é maior que a sua vontade... – é assim que reage, décadas após, à presença do vermelho, luzidio, cheiroso: o chão limpo que pisou, qual passadeira de acesso ao

mundo real, para entrar na casa da «sua angolanidade»: semana a semana, o futuro nasceria num espírito de partilha e no terreiro dos dias far-se-ia a passagem entre gentes e bairros onde os meninos, já adolescentes, não se discriminavam, nem por causa da cor da pele, nem por falta doutros chãos encerados, cheirosos...

Não lhe importam senão os resquícios do tempo em que receber, hospedar, dar abrigo, abrir a mesa e o coração, para quem vinha por bem, tipificavam o carácter de quem tinha pouco e o transformava em manjar de todos! Pode ser que ainda haja almas assim, talvez até mais favorecidas em bens de vista – também eles importantes, isso não lhe repugna – por serem maiores os proventos do que os daquele que os comboios sustentavam.

Pode ser...



POR UNS OLHOS VERDES

Chegavam regularmente as cartas, sempre em dias certos, lá de longe, do interior profundo, onde os noivados começavam na escola primária...

Habituara-se ao ritual. Todas as segundas e sextas-feiras, cerca das dezoito horas, um pouco antes do encerramento da Estação Central dos Correios, lá estava ele, munido da respectiva chave, que guardava no porta-moedas, a verificar o conteúdo da caixa postal.

Por ela recebiam os companheiros notícias das famílias que deixaram por lá, ou o jornal da aldeia de que eram leitores, remetido aos assinantes espalhados pelo mundo português... Não se dava o caso de se misturarem correspondências pois, salvando-se raríssimas exceções, naqueles dias o que havia de correio novo era para ele... Sorte a dele pois os publicitários ainda não tinham descoberto o filão que é encher o receptáculo de correspondência não solicitada. Bastava introduzir a chave, escancarar a pequena portinhola e... já está! As cartas da Metrópole ali à mão, com origem conhecida. Nesses dois dias da semana podia abrir a correspondência sem correr o risco de, ao ler, a mensagem ter outro remetente. Eram dela...

O arrazoado de sempre: «Vamos bem, mas estamos cheios de saudades, quisera Deus que não tivesses ido para a guerra, mas hás-de voltar, querendo Deus...»

E lá vinha o rol dos vizinhos, como ele militares dispersos pelos cantos do mundo português em apertos de guerrilha, que mandavam muitas cartas à família, de modo tal que ela gostava mais da África para onde os outros foram, tão bem falavam das cidades, das praias, sei lá que mais, que até parecia não haver guerra.

«Tu, Tonho, quase não escreves e quando vem o correio, só mandas notícias que nos põem o coração em sobressalto! A tua mãe só lê as cartas dos filhos das vizinhas, que ela não sabe ler e nós só lhe lemos as outras, não as tuas» – dizia-lhe, em desalento, a Aurélia, que deixara com a promessa de casamento.

Andava ele cabisbaixo, de semblante granítico, olhar vidrado, quase cismático, a pensar naquilo que diria ao apelo que recebera:

«Para essa África não vou! Tanto mato, tanto bicho, tanto pó, tanta guerra... para essa África não vou, não... Não fiques, Tonho, todos aqui te esperam... eu também!»

Andara a «pintar a manta», a falar de guerra, de coisas ruins, tripas ao sol, outras cruezas, outras maldades, sempre atribuídas aos indígenas, esses «pretos selvagens», gente má como as cobras, e agora queria casar por procuração com a noiva de

sempre, cuja inocência maculara antes da despedida, como garantia de regresso...

O Tonho era impedido, motorista de escolha para servir as altas patentes, inquilinos dos gabinetes onde se pensavam as coisas da guerra, o Quartel General, onde ele apenas ficava o tempo suficiente para arrumar na garagem o automóvel de serviço do seu Brigadeiro – às 10 da manhã em ponto – e tirá-lo de lá à hora do regresso a casa – sempre por volta das 5 da tarde. Entre as 11 e as 16 horas era empregado de mesa nos bares frequentados por tropas em descanso ou em trânsito para o puto...

Enamorara-se duma «castanhinha» esbelta, larga de peito, alta de perna, desnudada de dia e de noite, na praia e na sanzala, como mandava o tempo e exigia o litoral limítrofe da cidade em cuja areia fofa se rebolavam. Desde o dia em que a vira entrar no bar da praia que não a tirava do pensamento... Num acaso soube que o camarada com que a morena acompanhava regressava ao puto. Convidou-a para no dia seguinte, depois de tirar o carro do Comandante, Brigadeiro de patente, da garagem, comer na esplanada do bar, onde o mar lambia, sereno, a areia macia da praia...

Nessa sexta-feira, escreveu a sua última carta, dando uma pincelada final no quadro negro que, com exagero, andara a pintar desde que a mulata entrara no seu coração: «Está tudo ainda pior, vou-me aguentando, não sei se terei coragem para

suportar aí os olhares piedosos dos que virem os sinais com que a guerra me marcou...»

No dia seguinte, fez o espólio, coisa pouca que nem arma tinha distribuída, pagou a renda ao senhorio que lhe alugara um apartamento na Samba, anulou o endereço postal, entregando a chave do apartado, e tomou conta da gerência do bar da praia onde viu, pela primeira vez, os sinceros e faiscantes olhos verdes, embutidos naquele rosto castanho dum corpo que há muito acariciava no leito...

Descubra a continuação a **1 de Agosto** nas
livrarias ou encomende através do **210878323** e
914847055 ou escreva para o endereço
electrónico **livros@letrasdouro.com**